

PAUL RICOEUR: DO PERSONALISMO À PESSOA

Elsio José Corá¹

RESUMO

Um dos pontos marcantes do pensamento ricoeuriano é a receptividade e o diálogo que o autor mantém com os diversos autores e as diversas correntes filosóficas. Essas ligações entre Ricoeur e seus interlocutores podem ser visualizadas na influência e no diálogo com o pensamento existencialista, com a fenomenologia, com a psicanálise, com o estruturalismo, com a hermenêutica e com a filosofia analítica. Entre os vários autores, no presente texto ocupa-se em destacar Mounier e seu projeto de filosofia personalista, bem como a abordagem e o retorno empregado por Ricoeur ao conceito de pessoa.

Palavras-chave: Pessoa. Ricoeur. Mounier. Personalismo.

¹ Doutor em Filosofia, docente da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Chapecó, SC.

ABSTRACT

One of the highlights of thought ricoeuriano is receptivity and dialogue that the author maintains with various authors and the various philosophical currents. These links between Ricoeur and his interlocutors can be viewed in influence and dialogue with the existentialist thought with phenomenology, psychoanalysis, structuralism, hermeneutic and analytic philosophy. Among the various authors, the text highlights Mounier and his project personalist philosophy, as well as the approach employed by Ricoeur and return to the concept of person.

Keywords: Person. Ricoeur. Mounier. Personalism.

INTRODUÇÃO

A influência de Mounier no pensamento ricoeuriano é confessada, principalmente, na obra *Reflexões Faite*, na qual Ricoeur faz inferência à sua familiaridade com as reflexões filosóficas e cristãs de Mounier. Resgata a noção de pessoa, sua articulação filosófica, entretanto, mais técnica. A conjugação entre pessoa e comunidade representava, em troca, um avanço inédito, com respeito a essa espécie de reserva valorizada pelos filósofos de ofício.

Além disso, aprendeu com Mounier a articular as convicções espirituais com as tomadas de posição políticas que haviam ficado justapostas a seus estudos universitários e seu compromisso com os movimentos da juventude protestante (VILLAVERDE, 2003). Portanto, para entender o conceito de pessoa presente na abordagem ricoeuriana, é importante salientar a influência do pensamento personalista de Mounier, em que este define que pessoa² não é uma coisa que se pode encontrar no fundo das análises, ou uma combinação definível de aspectos. Se fosse uma súmula, poderia ser inventariada, mas é, exatamente, o não inventariável. Inventariável poderia ser determinado; mas é, exatamente o centro da liberdade.” (MOUNIER, 1964, p. 84).

Salienta Tavares (2006, p. 146) que “[...] o personalismo de E. Mounier, de tendência cristã, sobretudo no que se refere à relação que estabelece entre a noção de pessoa e a de comunidade, permitiu-lhe a articulação entre as suas convicções espirituais e as posições políticas, entre o pensamento e a ação, ainda que sem os confundir”. O personalismo é, sobretudo na sua origem, uma pe-

² Outro autor que figura de maneira velada no pensamento ricoeuriano é Martin Buber. Para este, “a pessoa aparece no momento em que entra em relação com outras pessoas” (BUBER, 1974, p. 73). O estranho é que não se encontra referência desse autor nos escritos de Ricoeur. Entretanto, acredita-se que Ricoeur recebe influência de Buber a partir das obras de Marcel.

dagogia da vida comunitária ligada a um despertar da pessoa; “[...] é um movimento orientado desde um projecto de *civilização* ‘personalista’ até uma interpretação ‘personalista’ das filosofias da existência” (TAVARES, 2006, p. 146, grifo no original). Diante disso, confirma-se a presença de Mounier na concepção ricoeuriana de pessoa. Além disso, do ponto de vista biográfico, ambos possuem pontos comuns, mas não se pode falar de um paralelismo em suas vidas e atividades. Ambos os pensadores seguem um caminho próprio, diante das circunstâncias históricas, que delineiam a maneira de viver e de filosofar.

DO PERSONALISMO À PESSOA

Segundo Ricoeur (1968, p.135) “[...] o que nos atraiu para ele [escreve no final do artigo] é algo de mais secreto que um tema de muitas faces [o da pessoa] [...] é a sutil aliança de uma bela virtude ‘ética’ com uma bela virtude ‘poética’ que fazia de Emmanuel Mounier esse homem ao mesmo tempo irreduzível e que se dava.” Ainda, é válido afirmar que Ricoeur, ao analisar o personalismo, proclamou a morte deste e o regresso à pessoa. Esse conceito permite a construção da identidade narrativa do sujeito, uma vez que, ao narrar a história de vida, narra-se a si mesmo. Além disso, espera permanecer no argumento filosófico do termo pessoa, tendo em vista que “[...] se volta à pessoa, é porque ela continua sendo o melhor candidato para sustentar os combates jurídicos, políticos, econômicos e sociais evocados em outro lugar.” (RICOEUR, 1996, p. 158); isso significa um candidato melhor que todas as outras entidades que foram levadas pelas tormentas culturais. Relativamente à consciência, ao sujeito, ao eu, a pessoa aparece como um conceito sobrevivente e ressuscitado (RICOEUR, 1996).

É importante, também, perceber que não há possibilidade de entender consciência, bem como toda a questão da transparência (cartesiana), depois das análises de Freud, relativas ao subconsciente, ou, ainda, falar de sujeito e de fundação transcendental após os escritos erigidos pela escola de Frankfurt. Diante disso, cabe a análise da expressão eu e sua permanência numa esfera solipsista. Por isso, Ricoeur opta por utilizar o termo pessoa em vez de consciência, sujeito, eu.

Conforme Villaverde (2003), a obra de Ricoeur é, desde seu início, uma filosofia marcada pela vida, pela ética, pela transição que vai do texto à ação. Não se pode, entretanto, esquecer que é também uma maneira de filosofar que nasce forjada nos laboratórios das aulas proferidas na universidade. Além disso, muitos de seus livros nascem graças à prática docente, e que são, grosso modo, ensaios proferidos no meio universitário e, na sequência, materializados em obras para o público em geral e reconhecidas pelo próprio autor como resultado da atividade docente.

Ricoeur pretende mostrar que a formulação do personalismo se encontra em um meio social, cultural, econômico e filosófico que se diferencia do mundo atual. É significativo, porém, lembrar que os escritos de Mounier tiveram grande aceitação no meio acadêmico francês no século XX, uma vez que neles se encontravam a expressão de suas próprias ideias e sentimentos. A ideia essencial desse projeto é reconstruir a sociedade, reconstrução na qual as estruturas e o espírito são orientados para a realização, como pessoa, de cada um dos indivíduos que compõem a sociedade, como também dar a cada pessoa a possibilidade de viver como pessoa, isto é, poder alcançar o máximo de iniciativa e de responsabilidade (NOGARE, 1990).

A atitude personalista diante da situação da ausência de liberdade do indivíduo, o qual, por sua vez, encontra-se condicionado pelo meio, pretende efetivar uma reflexão-ação. Essa atitude manifesta a intenção de apresentar a relação entre sociedade e pessoa. Nesse sentido, a sociedade precisa oferecer as condições para que a pessoa se realize. Por outro lado, o Estado possui a responsabilidade legal de propiciar essa realização, como também com a pessoa. Para Barros e César (2008, p. 3), “[...] a pessoa se constitui, se relaciona com o outro de modo responsável e almeja a justiça para uma vida boa em sociedade.”

Ainda, para Villaverde (2003), desde suas primeiras obras, *História e Verdade*, mais precisamente, no subtítulo “Verdade na ação histórica”, Ricoeur utiliza termos idênticos a Mounier em uma orientação em que o objetivo de pensar a verdade histórica está indissolivelmente unido à necessidade de articular determinados conceitos diretivos. Nasce, nesse contexto, o compromisso do pensamento como duplo: a) deverá apontar conceitos que permitam conhecer a realidade histórica e, conseqüentemente, b) atuar na mesma realidade. Cabe destacar que

a pesquisa da verdade [...] é ela própria desenvolvida entre dois polos: por um lado, uma situação pessoal, por outro, uma intencionalidade sobre o ser. Por um lado, eu tenho algo muito próprio a descobrir; algo que mais ninguém a não ser eu tem a tarefa de descobrir; eu tenho uma posição no ser que representa um convite a pôr uma questão que ninguém pode colocar em meu lugar; [...]. E, contudo, por outro lado, procurar a verdade quer dizer que aspiro a dizer uma palavra válida para todos, que se destaca do fundo da minha situação, como um universal. (RICOEUR, 1964, p. 54-55).

Quando o poder não consegue salvaguardar a pessoa, a soberania popular reage abertamente ao poder, via manifestações,

motins, greves, entre outras coisas. Essas atitudes denunciam os distúrbios que estão ocorrendo na sociedade, o que acarreta situações dolosas, tanto para a pessoa quanto para o Estado. Tanto Ricoeur quanto Mounier coincidem também em sua crítica ao moralismo, e cada um reservará uma abordagem pertinente ao horizonte filosófico que ambos pretendem. É relevante salientar, ainda na esteira de Villaverde (2003), que Mounier apresenta sua crítica ao moralismo como um freio à ação transformadora da realidade histórica, sem a qual é impossível alcançar a nova civilização.

O que se percebe, no enfoque personalista, é que a pessoa vai além da sociedade, transcende os princípios normativos da sociedade sem infringi-los, uma vez que ela é dotada de historicidade. A pessoa é tomada na sua dimensão temporal e encarnada, já que ela possui história, comunica-se e interage com o mundo. Nesse sentido, ao expressar a frase “morre o personalismo, regressa a pessoa”, Paul Ricoeur (1996) anuncia a morte do personalismo, não significando, com isso, o desinteresse pela noção de pessoa. O que ele pretende é mostrar que, em razão das circunstâncias históricas, o próprio termo sofreu mudanças na sua base de compreensão conceitual.

Uma das críticas realizadas por Ricoeur é a infeliz opção feita por Mounier por um termo em -ismo, (afixo), além do mais, situado em confronto com outros -ismos que se apresentam, claramente, como simples fantasmas conceituais. O alargamento da concepção de pessoa, em relação ao personalismo operacionalizado por Ricoeur, é apresentá-la numa constante abertura ao diálogo. A partir dessa abertura, a pessoa configura-se numa historicidade própria, na qual há a possibilidade de entender e de interpretar a sua identidade. Outro fator importante a ser destacado na pretensão do autor é acrescentar à formulação de Mounier, principalmen-

te no *Tratado sobre o Caráter*, a questão da linguagem, da ação e da narrativa, que permeiam os estudos e as pesquisas da filosofia contemporânea (VILLAYERDE, 2003).

Em acordo com a ética descrita na obra de 1990, Ricoeur procura um embasamento para a constituição ética da pessoa nas investigações contemporâneas sobre a linguagem, a ação e a narração. Trata-se de um projeto que pode ser equiparado ao realizado por Mounier em seu *Tratado sobre o Caráter* e que Ricoeur, habilmente, constrói a partir das mediações esboçadas na obra *O Si-mesmo como um outro*. Esta representa a recapitulação do seu trabalho filosófico em sua totalidade. Essa obra de 1990 se origina da reelaboração da *Gifford Lectures*, apresentada pelo autor em 1986, em Edimburgo. Além disso, o fio condutor é a problemática em torno da figura do homem capaz, que aparece implicado no caminho de uma fenomenologia hermenêutica do si-mesmo.

As meditações descritas nos capítulos que compõem a obra referenciada conferem, por sua vez, o delineamento da construção de uma fenomenologia hermenêutica da pessoa, que perfazem os quatro eixos: linguagem, ação, narração e vida ética. Nesse sentido, argumenta Villaverde (2003), esses quatro momentos correspondem aos quatro estratos da constituição da pessoa: homem falante, homem agente (sofredor), homem narrador e homem responsável. Assim, estão delineadas as quatro maneiras de responder às perguntas: Quem: quem fala? Quem atua? Quem narra? Quem é o sujeito moral de imputação?

A pessoa, por meio da noção de solicitude, assinala um aspecto da dimensão intersubjetiva da natureza humana, que é a abertura ao outro. É essa abertura que se caracteriza em um alargamento e em uma estima de si. Essas questões são reservadas inclusivamente à pessoa, por ser capaz da conscientização e construção da sua história. Observa-se que a solicitude encontra-se fun-

damentada na mutualidade que compreende o dar e o receber, e que possuem bases profundas que excedem a simples obediência ao dever e se fixam na espontaneidade complacente. Diante disso, no texto *De la morale à l'éthique et aux éthiques* (O justo I e II), Ricoeur (2008, p.14, grifo nosso) declara: “*J’ai proposé d’appeler sollicitude la structure commune a tous ces dispositions favorables à autrui qui sous-tendent les relations courtes d’intersubjectivité.*”³

Observa-se que, no estudo da questão do outro, podem-se encontrar traços do pensamento de Mounier na interpretação ricoeuriana da questão intersubjetiva. Isso pode ser atestado na definição segundo a qual a comunicação entre as pessoas é uma experiência fundamental.

Uma das grandes conquistas da filosofia existencial é, sem dúvida, o valor do outro, que a filosofia clássica tão estranhamente abandonara. Assim, se enumerarmos os problemas principais, encontramos o conhecimento, o mundo exterior, o eu, a alma e o corpo, a matéria, o espírito, Deus, a vida futura, mas nunca entre eles figura a relação com outrem, pelo menos no plano dos restantes. Foi o existencialismo quem a promoveu subitamente ao seu lugar central. (MOUNIER, 1963, p. 137).

A possibilidade de compreensão é atestada pela esfera da linguagem. Essa capacidade humana de narrar-se e de realizar determinada ação possibilita à pessoa viver na perspectiva da responsabilidade, dentro de uma esfera ética. Essa tese da ligação entre Mounier e Ricoeur pode ser constatada, ainda, na afirmação:

[...] pela experiência interior, a pessoa surge-nos como uma presença voltada para o mundo e para outras pessoas, sem limites misturada com elas numa perspectiva de univer-

³ Eu proponho chamar sollicitude a estrutura comum a todos esses dispositivos favoráveis a outro que subjazem as relações curtas de intersubjetividade. (tradução nossa)

salidade. As outras pessoas não limitam, fazem-na ser e crescer. Não existe se não para os outros, não se encontra senão nos outros. A experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa. O tu e, dentro dele, o nós, precede o eu, pelo menos acompanha-o (MOUNIER, 1964, p. 64).

A linguagem é uma das dimensões essenciais do ser humano. É uma atividade que possibilita que a pessoa se lance no mundo, construindo sua história e se comunicando nas diversas circunstâncias em que se encontra. Inserido no mundo e na história, o homem é solicitado a dar uma resposta à sua existência. Em suas inter-relações, vai ao encontro do outro e com o outro se comunica e interage. A ligação entre linguagem e vida pode ser tomada como o motor que confere dinamicidade à pessoa e a lança em busca do outro (RUBIO, 1989). Completa Jervolino (1996), que a “[...] inteira experiência humana, feita de percepções, de desejos, de emoções, de encontros com o outro, é articulada linguisticamente. E a palavra, antes de ser dita, é entendida (intensa), é a palavra do outro, que representa a via mais breve para chegar à consciência de si.”

Nesse sentido, a linguagem não é entendida de um modo solipsista na qual a pessoa se encontra fechada em si. Caso isso ocorresse não haveria, de modo completo, linguagem, uma vez que linguagem implica comunicação. Na relação com o outro a pessoa não perde sua identidade pessoal, tampouco se deixa dominar pelo outro, pois a linguagem de um e de outro enriquece ambos e isso é uma relação de abertura, que vai humanizando a humanidade. Essa questão é ressaltada, ainda, nas palavras de Rubio:

[...] o ‘eu’ e o ‘tu’ não estão submetidos um ao outro. Mas ainda, é uma relação de reciprocidade, na qual o ‘eu’ vai-se tomando ‘eu’ ao encontro com o ‘tu’ e vice-versa. Exclui toda dominação, algo próprio da relação homem-mundo-material. Na humanização da pessoa, a relação interpessoal deve merecer prioridade total, em confronto com a relação ser humano-

-realidade-material. A verdade do ser humano não está, pois, constituída pelo sujeito autárquico e isolado da modernidade, mas pelo encontro pessoa-pessoa. (RUBIO, 1989, p. 373)

Ricoeur concebe pessoa como possibilidade de diálogo e de abertura ao outro. Para isso, a comunicação é a oportunidade de o eu se autoafirmar como pessoa e, conseqüentemente, possibilidade de narrar sua história. A pessoa, por meio da comunicação, ao direcionar a palavra a alguém, tem a capacidade de estruturar sua identidade, uma vez que, quem narra, faz narração de si mesmo. Já para Mounier:

A aventura da pessoa é uma aventura constante, desde o nascimento até a morte. As dedicações pessoais, amor, amizade só podem ser perfeitas na continuidade. Essa continuidade não é uma exibição, uma repetição uniforme, como sucede na matéria ou nas generalizações lógicas, mas contínuo renascimento. A fidelidade é uma fidelidade criadora. Esta dialética das relações pessoais aumenta e confirma o ser de cada um de nós. (MOUNIER, 1967, p. 67)

O conceito de pessoa em Ricoeur é entendido na perspectiva da linguagem, da narração e da ação. Essa tríade proporciona à pessoa abertura e diálogo com o meio. A dimensão dialogal da pessoa é resumida na palavra *solicitude*⁴, ou seja, a pessoa se coloca em uma abertura na relação com o mundo e com os outros, enriquecendo-se por meio do resultado da relação eu e tu. Nessa relação, a pessoa tem a percepção da responsabilidade ética que tem com o outro.

Esses aspectos podem ser identificados na própria afirmação de Mounier, de que

⁴ Em Ricoeur o termo equivale ao conceito de cuidado.

[...] o amor plenamente realizado é criador de distinções, é conhecimento e afirmação do outro enquanto outro. [...], o ato de amar é a mais forte certeza do homem, o “cogito” existencial: amo, logo o ser é, e a vida vale [a pena ser vivida]. Não me confirma apenas pelo movimento eu que me afirmo, mas pelo ser que o outro me entrega. (MOUNIER, 1964, p. 68)

Essas dimensões essenciais da pessoa são desconsideradas quando, por exemplo, a linguagem é instrumentalizada ou a pessoa se fecha em um individualismo, ou, ainda, quando é vista apenas no âmbito da materialidade. Villaverde (2003) esboça a ligação entre Ricoeur e Mounier por meio dos conceitos de pessoa e de comunidade, principalmente no que se refere à revolução personalista e comunitária. A relação estabelecida entre ambos os autores implica o conceito de relações interpessoais, que possui como modelo a amizade e as relações institucionais, as quais possuem como protótipo o ideal de justiça. Em Ricoeur percebe-se uma troca, na qual existe a distinção entre relações interpessoais e institucionais, entre amizade e justiça, entre o próximo da amizade e o cada um da justiça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, as dimensões da pessoa refletidas a partir de Ricoeur permitem salvaguardar a dignidade do humano. Além disso, desperta para a importância da ética nas relações intersubjetivas, bem como para a reciprocidade nas relações humanas. Nesse sentido, Ricoeur acentua que a pessoa é mais importante que o personalismo. Além disso, o personalismo só é possível sobre a base da pessoa. Cabe frisar que a atualidade do debate filosófico não desloca o talento receptivo e dialogante de Ricoeur, bem como a fidelidade crítica o mantém próximo a Mounier e a Marcel, entre

outros, de forma intelectual e pessoal. Não deixa, contudo, de dar um enfoque subjetivo nas questões analisadas.

REFERÊNCIAS

BARROS, L. R.; CÉSAR, C.M. Imputação e responsabilidade em Paul Ricoeur. *Anais do XIII Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas* - 21 e 22 de outubro de 2008, p. 02-03.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1974.

JERVOLINO, D. *Le Parole della Prassi*: Saggi di ermeneutica. Napoli: Città del Sole, 1996.

MOUNIER, E. *Introdução ao existencialismo*. Trad. João Bérnard da Costa. Lisboa: Livraria Moraes, 1963.

_____. *Manifesto ao serviço do personalismo*. Trad. António Ramos Rosa. Lisboa: Livraria Moraes, 1967.

_____. *O personalismo*. Trad. João Bérnard da Costa. Lisboa: Livraria Moraes, 1964.

NOGARE, P. D. *Humanismos e anti-humanismos*. Introdução à Antropologia Filosófica. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

RICOEUR, P. *Do texto à acção*: ensaios de hermenêutica II. Porto: Rés, 1986.

_____. *Histoire et vérité*. Paris: Seuil, 1964.

_____. *O Justo I*: a justiça como regra moral e como instituição. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *O Justo II*: justiça e verdade e outros ensaios. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. Personalismo. Emmanuel Mounier: uma filosofia personalista. In: *História e Verdade*. Rio de Janeiro: Forense, 1968, p. 135-165.

_____. *Soi-même comme un autre*, Paris, Seuil, 1990.

_____. *A região dos filósofos*. Trad. Marcelo Perine & Nicolas Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

RUBIO, A. *Unidade na pluralidade*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1989.

TAVARES, M. Fundamentos metodológicos do pensamento antropológico e ético de Paul Ricoeur: o problema do mal. In: *Memorandum*, n.º. 10. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p.136-146.

VILLAVERDE, M. *Paul Ricoeur: A força da razão compartilhada*. Lisboa: Piaget, 2003.